

FLICK, Milena. *O Feminino Grotesco: propostas subversivas em Doroteia*, de Nelson Rodrigues. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Mestrado Acadêmico; Hebe Alves. Atriz.

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão acerca da presença do grotesco na peça *Doroteia*, de Nelson Rodrigues, como um fenômeno estético, cuja abordagem, associada às expressões hiperbólicas, exageradas e irônicas das personagens resultaria numa proposta artística de subversão das padronizações que normatizam e definem o feminino dentro das estruturas de poder dominantes. O texto se desenvolve em um diálogo com a filósofa Judith Butler, que promove discussões acerca do gênero partindo de um viés político e filosófico. Para investigar a dinâmica da relação entre o feminino e o grotesco — dois conceitos apresentados no artigo — a discussão encontra suporte nas considerações de Mary Russo sobre o tema. Os caminhos estéticos escolhidos para abordar estes dois conceitos foram definidos por meio da encenação de *Doroteia*, através das propostas subversivas presentes no texto de Nelson.

Palavras-chave: Grotesco. Feminino. *Doroteia*. Nelson Rodrigues.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre la presencia de lo grotesco en la obra *Dorotéia* de Nelson Rodrigues, como un fenómeno estético, cuyo enfoque, combinado con las expresiones hiperbólicas, exageradas e irónicas de sus personajes resultaría en una propuesta de subversión artística de los patrones que regulan y definen lo femenino en las estructuras de poder imperantes. El texto se desenvuelve en diálogo con la filósofa Judith Butler, quien promueve la discusión sobre el género partiendo de un enfoque político y filosófico. Para investigar la dinámica de la relación entre el femenino y el grotesco – dos conceptos presentados en el artículo – la discusión encuentra soporte en las reflexiones de Mary Russo a respecto al tema. Los caminos estéticos elegidos para hacer frente a estos dos conceptos fueron definidos por la puesta en escena de *Dorotéia*, a través de las propuestas subversivas en el texto de Nelson.

Palabras clave: Grotesco. Femenino. *Doroteia*. Nelson Rodrigues.

O feminino, de uma forma ou de outra, acaba por incomodar, por se fazer questão, por produzir polêmica. Ou por calar, por se fazer silêncio, por insistir, como num diálogo de surdos, a nada dizer que faça sentido. Ou, simplesmente: a nada dizer. E, ainda aí (ou especialmente aí), ele incomoda (BRANCO, 1991, p. 17).

No contexto histórico atual, no qual a categorização de gênero é problematizada, a utilização de palavras como *mulher* e *feminino* evoca uma complexidade tal, que dificulta a abordagem do tema e traz certo desconforto ao discurso. Deparei-me com esta questão ao entrar em contato com as

proposições de Judith Butler¹ em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, no qual a autora discute a ideia de que o sexo é natural e o gênero, construído culturalmente.

Segundo Butler, “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p. 25), e ainda: “homens e mulheres são categorias políticas, e não fatos naturais” (*Idem*, 2003, p. 168). Dessa forma, o sexo seria uma categorização discursiva dos corpos, construída e estruturada culturalmente, assim como o gênero.

Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um ato, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocrítica e aquelas exhibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantástico (BUTLER, 2003, p. 211).

Tais considerações comprovaram a relevância de discutir o “feminino” pelo viés do grotesco — entendido aqui como um fenômeno estético que **funciona por catástrofe**² e promove dissonâncias das quais decorrem o fantástico, o terror, o riso, a ironia, o escárnio e o nojo. A partir das provocações de Butler, iniciei o estudo sobre as expressões hiperbólicas, exageradas e irônicas deste fenômeno, sua adaptação a diferentes contextos e sua associação a um contexto de desvio e subversão das normas dominantes, dos costumes e das convenções sociais.

Entretanto, utilizar a relação entre o “feminino” e o grotesco como foco de expressividade requer certa atenção. Segundo Mary Russo, a palavra “grotesco” evocaria a gruta, a caverna e essa noção, entendida como metáfora do corpo, tenderia a se parecer, ou mesmo a se identificar, com o “corpo feminino” anatomicamente cavernoso. Dessa forma, a associação entre o grotesco e o “feminino” como algo terreno, material e arcaico, sugeriria representações fortes e positivas relacionadas à cultura e à feminilidade, valorizando “as imagens tradicionais de mãe terra, da bruaca, da feiticeira e da vampira” e postulando “uma conexão natural entre o corpo feminino (ele mesmo naturalizado) e os elementos ‘primordiais’, especialmente a terra” (RUSSO, 2000, pp. 13-14).

Ao aprofundar-se na problemática desta relação, a professora aponta, de forma contundente, a questão da misoginia:

É fácil e perigoso resvalar destes tropos arcaicos para a misoginia que identifica este espaço interior oculto com o visceral. Sangue, lágrimas, vômito, excremento – todos os detritos do corpo que são separados e colocados com terror e repugnância (predominantemente, embora não exclusivamente) ao lado do feminino – estão ali embaixo, naquela caverna de abjeção (*Idem*, p.14).

Mary Russo, em diálogo com Michel Foucault, discute, ainda, a normalização

¹ Filósofa pós-estruturalista com PhD. em filosofia pela Yale University (1984). Seus trabalhos trouxeram grandes contribuições para as teorias do feminismo contemporâneo.

² “Não a mesma dos fenômenos matemáticos ditos “caóticos” ou da geometria fractal (...). Trata-se da mutação brusca, da quebra insólita de uma forma canônica, de uma deformação inesperada” (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 25).

como um efetivo instrumento de poder na era moderna e pondera que, embora assumir a heterogeneidade dos corpos seja um caminho arriscado, não seria um “mal a ser evitado, mas, sim, uma condição de possibilidade” (RUSSO, 2000, p. 23). Assim, em consonância com suas ideias, assumo o risco como parte do discurso aqui apresentado com o intuito de inserir o grotesco num espaço que “dá ensejo ao acaso”³.

Esta abordagem surgiu no meu percurso acadêmico durante o desenvolvimento de um projeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFBA (PIBIC-UFBA), do qual participei no período de 2008 a 2010. Os planos de trabalho desenvolvidos no âmbito do programa foram orientados pela professora Hebe Alves e intitularam-se: *O Feminino Grotesco: Reflexões Cênicas* — cujo objetivo era investigar a aplicabilidade do grotesco em cena a partir do estudo de personagens da peça *Doroteia*, de Nelson Rodrigues —, e *O Feminino Grotesco e a Recepção de suas Expressões Cênicas*, no qual pretendia verificar a atualidade crítica do grotesco, como discurso cênico, a partir da realização de uma análise de sua recepção teatral.

A utilização do grotesco como um viés estético e político para a discussão do feminino na obra justificou-se, também, pela identificação de traços desse fenômeno na dramaturgia de Nelson: desenhada através do uso do grotesco, do patético e da farsa, *Doroteia* apresenta um universo dogmático, de clausura e negação do amor, da crença na exaltação da feiura como proteção à degradação moral que acompanha a sensualidade, a doçura, o gozo e a juventude, compondo a situação limite na qual vivem as personagens da trama.

As tias Flávia, Maura e Carmelita são as guardiãs dos valores e da tradição familiar, e numa exaltação do feio como proteção contra a degradação moral, repelem tudo que seja belo, desejável, amoroso e doce. Doroteia, personagem que dá nome ao texto, representa tudo o que elas abominam, é bonita e sensual, “mulher de vida livre” que decide se reintegrar ao seio da família e para tanto, será obrigada a tornar-se moralmente aceita — o que lhe acarreta a obrigação de tornar-se feia como as demais. Das Dores, a filha natimorta de Dona Flávia, pensa que vive e ajuda nos trabalhos domésticos da casa. A menina espera ansiosamente a chegada do seu noivo para que possa dar seguimento à tradição familiar de sentir a Náusea (enjoo que atinge as mulheres da família durante a sua primeira noite e última) em sua noite de núpcias. Entretanto, para desespero de Dona Flávia, a Náusea nunca atingirá Das Dores.

No texto, Nelson percorre um caminho de hipérbole, exagero e ironia, frequentemente evocando o cômico e o risível. Por meio do escárnio, ele promove cisões no que habitualmente chamamos “realidade”, revelando a fantasia escondida no “natural”. Estes traços, apresentados através da exasperação das personagens, das situações inusitadas e revelações escabrosas presentes no texto, e da dilatação dos padrões e valores

³ “Ao contrário dos modelos de progresso, racionalidade e liberação que se desassociam de seus ‘enganos’ – ruído, dissonância ou monstruosidade – este ‘ensejo do acaso’ emerge dentro de espaços muito limitados de normalização” (RUSSO, 2000, p. 23).

convencionais familiares de moralidade, religiosidade e rigor, parecem propor a subversão das estruturas que definem e modelam a dita “identidade feminina”, incorporada e a serviço do que o sociólogo francês Michel Maffesoli⁴ chama de *lógica do dever-ser*.

Cada época tem suas ideias obsedantes que, é claro, não são nada além de pessoais. (...) Uma dessas ideias obsedantes, que de uma maneira transversal percorre todas as civilizações, está no sentido simples do termo vida moral. (...) às vezes, ela exprime-se enquanto *morale stricto sensu*, isto é, assume a forma de uma categoria dominante, universal, rígida, e privilegia, com isso, o projeto, a produtividade e o puritanismo, numa palavra, a lógica do dever-ser (MAFFESOLI. 2005, p. 25).

Neste caminho, reconheço as potencialidades subversivas presentes em *Doroteia*: ao levar às últimas consequências a *lógica do dever-ser* defendida pelas mulheres da família, as personagens da obra denunciam seu caráter absurdo e fantástico. Por meio da relação entre o “feminino” e o grotesco, apresenta-se um caminho de expressividade, cujo potencial traz a possibilidade de explodir e embaralhar os dois conceitos de forma a denotar sua contraditória e fundamental indefinição.

A presença do grotesco em *Doroteia* permite o questionamento dos padrões morais que definem o “feminino” dentro das estruturas dominantes de poder: paradigmas que determinam o eterno movimento de reconstrução histórica, cultural e social, mas sempre nos subjugando. Vem à tona a possibilidade deste subjugo nos carregar ao encontro do esconderijo da falsa virtude, da fé covarde, da pseudocegueira: esconder-se de si mesma, abnegar o próprio prazer numa prática constante de violência irreflexiva e displicentemente reiterada.

A personagem Das Dores é aquela que oferece um sopro de vida: se rebelando contra a ordem vigente, ela decide retornar ao útero materno para renascer e, numa nova existência, permitir-se viver, sem rédeas, os seus desejos. Doroteia, após receber as chagas e tornar-se feia e indesejável, consegue reintegrar-se ao seio da família e estabelecer-se como nova guardiã dos valores morais. Dona Flávia, que assassina suas duas irmãs por admitirem seus desejos secretos (após anos de negação), encontra em Doroteia a companheira ideal. As duas mulheres terminam a peça com a mútua promessa de apodrecerem juntas.

“Da Negação do Amor” – a encenação de *Doroteia*

Partindo das reflexões apresentadas, passei a indagar-me se o “feminino”, utilizado de forma a denotar uma categoria rígida e determinada — e não um *efeito* inconstante e contextual — contribuiria para legitimar sua conformação dentro de uma *lógica do dever-ser*. Em caso afirmativo: como abordar a questão sem ratificar, sem legitimar, as estruturas através das quais se opera a classificação e o domínio dos corpos como categorias fechadas e restritas?

Foi na encenação de *Doroteia* que encontrei as primeiras pistas em direção a

⁴ Professor da Université de Paris-Descartes – Sorbonne.

uma arriscada e interessante abordagem: ao lado das atrizes do grupo Panaceia Delirante⁵ e sob a direção de Hebe Alves, tive a oportunidade de levar ao palco esta farsa de Nelson e investigar caminhos para substancializar, em cena, os questionamentos e possibilidades subversivas levantadas.

Na encenação, as atrizes se revezam para dar vida às personagens da obra: a escolha de utilizar o artifício da “coringagem” como um efeito estético alia-se à intenção de revelar o caráter múltiplo e variável das identidades apresentadas e discutir o “corpo feminino” como uma construção política e social complexa, que não se emoldura em padrões restritos de normatização: contradizendo o discurso das próprias personagens.

O jogo de transições proposto pela encenação, para a qual lançamos o olhar de atrizes/pesquisadoras, permite um confronto histórico com o período em que o drama se desenrola e a verificação da atualidade crítica dos questionamentos suscitados, sobretudo aos que fazem referência às classificações binômias (e excludentes) que persistem — em uma sociedade que ainda nos divide entre santas e putas.

Considerações finais

O espetáculo *Doroteia* me oferece a oportunidade de verificar os caminhos possíveis para converter as inquietações que giram em torno do feminino — associado a uma categoria dominante que determina e confina o corpo de forma a privilegiar certo “puritanismo” — em propulsoras de imagens como inspiração para um procedimento criativo. Como atriz e pesquisadora, realizo em *Doroteia* um processo investigativo que tem como pulsão gerar reflexões sobre meu próprio corpo em ressignificação diante de sua forma estética e moral de estar no mundo — escolha que reafirma o caminho artístico que percorremos dentro do grupo de teatro Panaceia Delirante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCO, Lúcia Castelo. **O Que é Escrita Feminina**. Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Editora Vozes, 3^a ed., 2005.
- RUSSO, Mary. **O Grotesco Feminino – risco, excesso e modernidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do Grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

⁵ Grupo do qual faço parte ao lado das atrizes Camila Guilera, Jane Santa Cruz, Lara Couto e Lílith Marques.